

**DO MUSEU DA MÚSICA PORTUGUESA A CABECEIRAS DE BASTO:
UMA VIAGEM DE ADIVINHAS COM MICHEL GIACOMETTI****Uma viagem com início no Museu**

Quando entrámos no Museu da Música Portuguesa, curiosos e entusiasmados em conhecer as adivinhas do Fundo Michel Giacometti, seguíamos inevitavelmente marcados pela memória da pergunta, tantas vezes escutada e repetida desde a infância: *‘Qual é coisa, qual é ela, cai no chão, fica amarela?’*. Numa tarde no Museu percorremos Portugal de Norte a Sul, conhecemos os nomes, profissões e idades das pessoas que, nos anos 70, contaram as adivinhas recolhidas no âmbito do Plano “Trabalho e Cultura” dirigido por Michel Giacometti. Percebemos a diversidade de formas, estruturas e temáticas deste género literário e saímos de lá com a certeza de que a nossa memória tinha conseguido guardar muito pouco de tudo o que tínhamos acabado de ler, mas que seria impossível voltarmos a fixar a adivinha na simplicidade daquela pergunta que se resolvia, tantas vezes já sem surpresa ou dificuldade, com a palavra ‘ovo’.

O Museu foi, assim, o primeiro espaço de contacto com este corpus que nos registos em papel guardam as transcrições de 233 adivinhas que nos transportaram para uma viagem por diversas regiões de Portugal. Das fichas de identificação que complementam cada uma das transcrições retivemos os nomes dos informantes que, pela sua idade na época, ainda tinham possibilidade de estar vivos atualmente.

Nesta primeira análise Cabeceiras de Basto pareceu ser um concelho relevante com um elevado número de adivinhas registadas (confirmámos mais tarde que a recolha foi feita em 13 distritos diferentes, sendo Braga o distrito mais representado com 29,6% do total do corpus e a maioria dessas adivinhas recolhidas no concelho de Cabeceiras de Basto).

Com recurso a mediadores locais da Câmara Municipal de Cabeceiras de Basto e do Museu das Terras de Basto tentámos encontrar os contactos de alguns dos informantes identificados nas fichas do Fundo Michel Giacometti. Nestes dados destacava-se Maria da Conceição Rodrigues – adolescente na época – uma das mulheres que viria a ser o principal elemento motivador da nossa viagem.

Estava definido o nosso destino: Cabeceiras de Basto.

4 de Outubro de 2012: partimos em direção a Cabeceiras de Basto

Depois de estabelecidos os contactos necessários, o que nos permitiu saber que existia uma Maria da Conceição Rodrigues no grupo de mulheres que trabalham na Casa da Lã, em Bucos, programámos a nossa deslocação para uma quinta-feira, dia em que as mulheres ali se reúnem habitualmente.

Chegados à Casa da Lã, numa pequena estrada de pedra rodeada de verde e de silêncio, encontrámos um edifício pequeno, renovado, com mostras de trabalhos de lã para venda, teares, cestos com novelos e outros instrumentos de trabalho. Em fila, junto das janelas, em bancos corridos, encontravam-se as senhoras a trabalhar e conversar (um grupo com idades entre os 50 e os 70 anos). Maria da Conceição Rodrigues não estava presente, já sabíamos que naquela tarde ela tinha de trabalhar no restaurante onde agora está empregada, o nosso encontro com ela ficou agendado para o dia seguinte. Sabíamos também que aquelas senhoras conheciam muitas adivinhas e por isso ficámos em Bucos naquela tarde.

Na Casa da Lã apresentámo-nos, conversámos um pouco, fomos preparando o material para a filmagem enquanto se explicava o MEMORIAMEDIA e o projeto que nos levava até ali. As senhoras foram recetivas, até porque a mediadora já as tinha informado da nossa visita. O clima em que se encontravam era, no entanto, de alguma confusão, o facto de estarem em grupo favorecia as conversas cruzadas entre elas e foi necessário mediar a situação para garantir as melhores as condições de som e luz da filmagem. Nesse processo, o próprio grupo acabou por identificar duas senhoras – Elisa Brás e Adelaide Fernandes – como

aquelas que mais adivinhas sabiam. A câmara de filmar ficou direcionada para dois bancos, colocados lado a lado, onde se sentaram as duas senhoras, as outras continuaram espalhadas pela sala nos seus trabalhos.

Durante toda a filmagem em que foram contando as adivinhas Elisa e Adelaide continuaram as suas tarefas, com a mesma naturalidade com que falavam para a câmara, ou melhor, com que nos ‘desafiavam’, a nós e ao grupo, para o jogo das adivinhas. Se este facto constituiu, em alguns momentos, uma dificuldade acrescida para o registo sonoro, por outro lado, enriqueceu a imagem, permitindo o registo da ação, do ambiente, do próprio trabalho da lã onde estas expressões orais foram acontecendo.

O riso e a malícia

Entre algumas hesitações e muitos risos, quem começou por contar as primeiras adivinhas¹ foi a Adelaide, avisando-nos que *“quem não perceber, quem não souber, pensa que é para a malícia e não é”* ou ainda que pareciam *“picantes”* mas não eram, e ria no início das falas.

“Vai uma picante.

Ela não é picante, mas...

Atrás da minha porta tenho

A tirar e a meter

A bater com a pantilheira²

Para ganhar pão para comer.”

Adelaide Fernandes

Entre risos, a resposta emergiu rapidamente no grupo: *‘o tear’*. Surgiram então várias adivinhas de interpretação dúbia, que facilmente nos remetiam para conotações de

¹De referir que, numa primeira análise, resolvemos classificar como “adivinha” todos os registos que os próprios informantes identificaram como tal, independentemente de, numa análise mais profunda, ser possível detetar entre esses registos outros géneros como charadas ou cúmulos.

²Pentelheira – conjunto de pêlos púbicos, mas aqui alusivo ao pente, peça do tear de pentes que serve para juntar o fio da trama ao fio a urdir.

natureza sexual ou erótica, mas cuja solução era encontrada em meros objetos do quotidiano, muitos vezes situados num passado rural, mas em si mesmos, distantes dos sentidos para onde a formulação das adivinhas nos remetia.

*“A pele da mulher é dura
Mais dura é a de quem a fura
E o delgado entra para dentro
E o grosso fica de pendura”*

Resposta: Brinco

Adelaide Fernandes

Cada vez que se contava uma destas adivinhas, todo o grupo ria sonoramente. No final, perante a solução encontrada, percebia-se que o sentido mais fortemente sugerido pela formulação da adivinha não era o mesmo da sua solução, e que era precisamente esse jogo de sentidos cruzados, ocultos, enganosos, o grande motivo de entretenimento, de prazer, de humor, deste jogar às adivinhas.

*“Em cima de ti me ponho
Em cima de ti me tenho
Muito fraquinha sou eu
Se não meto o que tenho”*

Resposta: Meter o pé no sapato

Adelaide Fernandes

Este brincar entre as chaves inocentes e as formulações de sentido malicioso de certas adivinhas é bem aceite pelo grupo na oralidade, marca o momento do jogo, mas apresenta condicionantes quando se trata da sua deslocação para o exterior, como se existisse uma certa preocupação com a fixação do momento presente para tempos, espaços ou públicos

desconhecidos: *“Ainda se vão rir de nós! Oh...não estamos a ofender ninguém! Isto é a nossa lengalenga que a gente aprendia quando era criança.”* (Elisa Brás). Apesar destes comentários, entre os 30 registos de adivinhas, anedotas e cantigas gravados na Casa da Lã, as informantes apenas pediram que duas anedotas não fossem publicadas, o que lhes foi garantindo e respeitado.

Esta malícia, ora declarada, ora escondida, presente mas ausente, revelou-se consciente quando questionamos as informantes acerca dos locais e das pessoas que lhes contavam estas adivinhas. Embora afirmando que tinham aprendido as adivinhas em crianças, quando as famílias se reuniam para trabalhar à luz da candeia, ou em torno da lareira, elas referem que as adivinhas mais ‘maliciosas’ não eram partilhadas entre adultos e crianças, mas aprendidas “às escondidas”. Como é referido por Adelaide: *“Contávamos uns aos outros às escondidas. Nós, aos nossos pais tínhamos vergonha de dizer. Até levávamos na cara...”* logo acrescentado por Elisa: *“A minha mãe até dizia: não sei onde aprendes essas porcarias! Na escola não aprendes tão bem!”*

A (falta de) memória e o jogo participado

Depois de cerca de duas horas de filmagens e muitas adivinhas contadas, começaram a surgir alguns espaços de silêncio, logo quebrados por expressões de justificação e de apelo à memória: *“agora não vem ao sentido, só depois mais tarde...”*. Num desses momentos, uma das informantes – Elisa - perante a ‘passividade’ dos investigadores no jogo, desafiou-nos diretamente à participação, primeiro incentivando-nos a adivinhar: *“Digam lá. Vocês também têm que adivinhar alguma coisa, também são tão ‘soquinhos’”,* e mais tarde interpelando-nos mesmo a também enunciar: *“mas vocês também contem alguma coisinha da terra de vocês...as suas adivinhas, as suas anedotazinhas, para a gente aprender...”*.

Com esta atitude, Elisa colocava-nos não só dentro do grupo, mas igualmente dentro do jogo, lembrando-nos que não nos era permitindo o papel de meros assistentes passivos,

nem de nos restringirmos à função de ‘decifradores’. No grupo, o jogo das adivinhas revelou-se como um jogo de desafios constantes de interação entre os vários elementos: desafios de decifração e de enunciação, de humor e risos, mas também de provocação e estímulo das memórias, mais ou menos partilhadas ou partilháveis no grupo.

No final pediram para que, depois do trabalho terminado, lhes fosse mostrado o conteúdo das filmagens. Fomos buscar o nosso computador e mostramos-lhes alguns filmes do MEMORIAMEDIA realizados com outros contadores de adivinhas. Elisa Brás apressou-se a ir buscar um bloco de notas para registrar as que ainda não conhecia, mostrando-se interessada em aumentar o seu reportório de adivinhas. Outras senhoras do grupo não demonstraram grande interesse em escutar os outros contadores de adivinhas no registo vídeo, sobretudo quando estas eram longas.

Terminada a sessão de trabalho regressámos a Riodouro para a casa cedida pela Câmara Municipal para a nossa estadia durante três dias, uma casa típica daquela zona, de pedra, recuperada, no cimo de um monte, com paisagem verdejante e uma fonte de nascente com água a correr mesmo de frente ao portão da casa. Verde e água marcam as paisagens em volta de Cabeceiras de Basto, e a simpatia, a generosidade e a abertura ao diálogo caracterizaram os diversos contactos que fomos tendo com as gentes da terra.

5 de Outubro de 2012 : o encontro com Maria da Conceição

Acordámos cedo porque tínhamos marcado encontro em Bucos, com a Maria da Conceição Rodrigues, a senhora que foi a principal responsável pela nossa viagem até aquela zona e que, por questões profissionais, não tinha tido possibilidade de estar presente na Casa da Lã no dia anterior. Na agenda estava marcado o lugar de encontro junto à igreja de Bucos pelas 10h. Quando chegámos ao local marcado encontrámos o silêncio, apenas intervalado pelo soar de uma gravação de sinos marcando as horas. Como a informante ainda não tinha chegado dirigimo-nos para a sua casa. Ao nos receber Maria da Conceição referiu que não se recordava de, em adolescente, ter sido escutada a contar adivinhas por uma equipa de

Giacometti – não tinha qualquer presença desse episódio nas suas memórias e tinha dúvidas acerca dele, no entanto, reconheceu que todos os dados apontavam para ela, o seu nome completo, a residência, a idade e o facto de conhecer as outras senhoras que tinham sido entrevistadas.

Mantendo alguma surpresa em relação à razão avançada para nós irmos ao encontro dela, mostrou-se disponível para as gravações até porque um facto era indesmentível: ela sabia muitas adivinhas e gostava de contá-las, o que já nos tinha sido confirmado na véspera pelas suas colegas na Casa da Lã. E isso era o mais importante para o nosso trabalho pelo que avançamos para a filmagem, ao ar livre, perto da igreja, embora sem a certeza absoluta de que esta senhora fosse a mesma menina cujo nome consta dos registos de recolha em 1975. Ou com a suspeita, que sendo ela a pessoa dos registos, esses momentos não tiveram impacto nas suas memórias e na sua vida: *“Eu nem vaga ideia tenho de onde possa ter sido isso!”* (Maria da Conceição).

O facto da Maria da Conceição não se encontrar em grupo, mas sozinha, fez com que fosse diferente o ritmo com que as adivinhas eram lembradas e contadas: *“ai, elas não vêm assim logo à memória”, ‘ai eu sei tantas, mas agora...’*. Mas ainda assim, foram ditas 22 adivinhas, algumas já escutadas no dia anterior com o outro grupo de mulheres, outras ainda não registadas, como a seguinte:

*“Um quarto com quatro cantos
Cada canto tem um gato
Cada gato vê três gatos
Quantos gatos estão na sala?”*

Resposta: Quatro gatos.

Maria da Conceição

Depois de algumas adivinhas contadas, a Maria da Conceição também resolveu ‘entar’ no grupo das adivinhas maliciosas, fê-lo voluntariamente, mas talvez pela falta do grupo, ia hesitando: *“Ai, eu não posso dizer aquelas que são muito picantes! (...) Ai, não posso dizer,*

ainda para mais está aqui ele [nosso colega de filmagens] ...se ele não estivesse eu falava para as senhoras, agora com ele aqui... (risos)”. Avançou, contudo, para este tipo de adivinhas, por exemplo:

“O homem toca

A mulher deixa tocar

O homem mete

A mulher deixa meter

O homem quer tirar

E a mulher diz: Não, homem, deixa escorrer

Resposta: É o azeite, o azeiteiro.

“o homem toca ...a corneta do (...); o homem mete, que é o funil; o homem quer tirar, que é o funil; o homem quer tirar, e a mulher diz ‘deixa escorrer’ que é o azeite...”

Maria da Conceição

Uma vez que os seus interlocutores éramos apenas nós, os investigadores, sendo pouco capazes de participar de forma estimulante, quer no deciframento, quer na enunciação de novas adivinhas, foram mais frequentes as pausas necessárias para recorrer às memórias, o que fomos tentando ajudar a ultrapassar, introduzindo na conversa algumas das poucas adivinhas que sabíamos. A Maria da Conceição respondia, quase sempre decifrando, com facilidade, a solução, outras fazendo correções à nossa formulação das adivinhas: *‘ai, essa adivinha eu sei, mas não é assim que se conta’, “ela não é assim contada”*.

Terminámos o trabalho com a Maria da Conceição e seguimos para Cabeceiras de Basto onde almoçamos, com alguma ansiedade em voltar ao Museu e descobrir se as adivinhas dos anos 70 registadas em nome da Maria da Conceição ainda sobrevivem neste encontro que tivemos com ela.

A desfolhada em Riodouro na casa de Silvina

Às 15h tínhamos marcado encontro com Silvina Ramos em Riodouro, aldeia onde pernoitamos. Quando nos recebeu, Silvina estava junto com o marido a desfolhar o milho. Montámos o equipamento de filmagem de frente para o local onde o casal trabalhava, uma espécie de eira, entre os campos de cultivo e a casa de habitação. Silvina começou a contar as adivinhas que sabia, quase sempre explicando detalhadamente o enunciado depois de decifrado, como no exemplo que se segue:

“Verde foi meu nascimento

Eu de luto me vesti

Para dar a luz ao mundo

Mil tormentos padeci

(...) Antigamente iluminava-se o antigo sacramento, nas igrejas, era só...hoje não, hoje é tudo elétrico...mas era com azeite. Nas nossas terras até se usava a gente dar, portanto apanhava-se a azeitona e dava-se um bocadinho de azeite, cada um com as possibilidades que tivesse...para dar a lumiar o santíssimo sacramento...

Verde foi o meu nascimento...está a ver acolá, ainda estão verdes...de luto me vesti, porque ficam pretas...para dar a luz ao mundo mil tormentos padeci.”

Silvina Ramos

Entretanto tocou a campinha e surgiu um grupo de pessoas amigas que residiam noutros lugares mas que vinham ajudar na desfolhada. O ambiente alterou-se, aumentou o diálogo entre o grupo e diminui o número de adivinhas contadas. A senhora mostrou grande interesse em que víssemos e percebêssemos todo o trabalho rural que ela desenvolvia no seu terreno, aproveitámos para filmar essas atividades e saberes. Despedimo-nos agradecendo a simpatia de quem nos recebeu.

Seguimos por uma estrada estreita, paralela a um riacho, sombreada de verde, que nos deixou convidados para uma outra visita, em tempo de sol e de calor. No dia seguinte

esperava-nos uma longa viagem de retorno a Lisboa. Na bagagem de volta trouxemos cerca de 50 adivinhas, umas tantas anedotas, histórias de vida partilhadas e a certeza de que naquelas terras existe muitos outros informantes e expressões para registar.

O reencontro com as adivinhas de Giacometti no retorno ao Museu

Depois da viagem a Cabeceiras de Basto, já não voltámos ao Museu 'sozinhos'. Connosco seguiam as memórias das adivinhas contadas pela Adelaide, pela Elisa, pela Maria da Conceição, pela Silvina, pelos risos trocados nos grupos durante o jogo, pela generosidade e alegria com que nos contaram e explicaram as adivinhas, pelo prazer e curiosidade com que as escutámos e por uma redobrada curiosidade em voltar a estas recolhas do passado. Neste retorno ao Museu, os registos de Giacometti, que manuseamos e analisamos no papel, ganharam outras dimensões, de vozes, de rostos, de histórias de vida, de ambientes. Dimensões de um passado de mais de 40 anos - agora mais fáceis de imaginar - e as do presente que as herdou, e que pudemos conhecer, de forma parcial, em Cabeceiras de Basto. Herança esta, que em alguns casos, mesmo tendo sido registada em diferentes zonas do país, se manteve inalterada, como no exemplo seguinte, a adivinha contada em 1975, na Aldeia do Meco, Sesimbra, por Domingos Castelo, e agora, em 2012, em Bucos, pela Maria da Conceição Rodrigues:

*“Qual o sitio em que as mulheres
têm o cabelo mais encaracolado?”*

Resposta: *Em África*

Domingos Castelo

Outras adivinhas foram sofrendo os efeitos do tempo na oralidade, adequando-se também aos modos e referências da vida atual, modificando-se de forma mais ou menos acentuada. Por exemplo, a adivinha recolhida em 1974, em Riachos através de Manuel Carvalho Simões ("Pé Leve"), e que encontrámos transcrita assim:

“- Um bando de pombas no chão. E passa um gavião, a sobrevoar e diz p’ras pombas:

“Adeus, cem pombas!” E elas disseram: “Não, cem pombas não somos. Nós, outras tantas como nós e metade de nós e a quarta parte de nós e contigo, gavião, somos que cem cabeças são!

E atão, isto é uma adivinha, não é? Mas a pergunta aqui, a pergunta é quantas pombas andavam cá no chão.

- Quantas eram?

- Era, trinta e seis. “

Manuel Simões

Encontrou semelhanças com a adivinha que escutámos da Silvina, em Riodouro:

“No ar iam um bandinho de pombas

Passou um avião e disse: Adeus, cem pombas!

E elas responderam: Cem pombas, não!

Nós, outras tantas como nós

A quarta parte de nós

E tu, avião, é que cem serão!

São quarenta e quatro”

Silvina Ramos

Nesta transformação, salienta-se a passagem do ‘gavião’ a ‘avião’, e a perda de uma ‘metade de nós’ que altera a solução da adivinha de 36 para 44. Ou ainda, num outro exemplo, numa adivinha contada pela mesma pessoa – Maria da Conceição Rodrigues - em 1975 (i) e agora em 2012 (ii), quando estivemos com ela:

(i) *“Puxar e bater,*

Dar à pentelheira

Ganhar pão para comer”

(Resposta: Tear)

(ii) "Atrás da minha porta estou

A tirar e a meter

A bater com a pantilheira

A ganhar pão para comer."

(Resposta: tear)

Maria da Conceição

Olhámos, agora no Museu, para o volume das adivinhas maliciosas, um dos maiores do acervo (a par das adivinhas simples)³, já com os risos das mulheres das terras de Bastos, na sua dimensão lúdica, de entretenimento e de cumplicidades de grupo. Verificámos que algumas das adivinhas escutadas em Cabeceiras de Basto encontram semelhanças com muitos dos registos do acervo de Giacometti, não restritos àquela região.

Agora entendemos melhor as múltiplas referências aos objetos do quotidiano rural, do trabalho da lã, dos trabalhos agrícolas encontradas nas soluções das adivinhas e detalhadamente explicadas nas filmagens realizadas em Cabeceiras de Basto. Por outro lado, sentimos, nos registos que fizemos, a 'ausência' das adivinhas mais longas que fazem parte dos registos de Giacometti. Percebemos ainda a mudança do local onde se contam as adivinhas, anedotas e outras histórias, pelo que soubemos em Bucos e pelo que nos tem sido dito noutros pontos do país, estas expressões deixaram de ser contadas nos grandes serões à lareira para serem partilhadas em alguns encontros promovidos pelas autarquias e, principalmente, nas camionetas de excursão, onde durante as viagens se desafia a memória para mais uma adivinha, cantiga, conto ou anedota.

A equipa de Investigação em campo

Filomena Sousa, Rosário Rosa e José Barbieri

Referenciar este artigo do seguinte modo

SOUSA, Filomena; ROSA, Rosário e BARBIERI, José (2013) *Documento síntese sobre secção "cantos, contos e que mais..." Cabeceiras de Basto (MEMORIAMEDIA)*. Alenquer: Memória Imaterial/IELT, 13p. Consultado em [data da consulta], através do link http://www.memoriamedia.net/bd_docs/Adivinha/CabeceirasdeBasto/sintese.pdf

³ Classificação de Michel Giacometti: "adivinhas simples gerais"; "adivinhas maliciosas"; "adivinhas que envolvem uma explicação e/ou história"; "adivinhas de resposta irónica e/ou sarcástica para o interlocutor"; "adivinhas em trocadilhos"; "adivinhas eruditas" e a "adivinha com contas e números".